



Fotografia de Joana França. <https://www.linsarquitetos.com.br/>

PROCESSO PROJETUAL: A RELAÇÃO ENTRE ARQUITETURA E LUGAR NA PRODUÇÃO DO ESCRITÓRIO LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS

PROCESO DE DISEÑO: LA RELACIÓN ENTRE ARQUITECTURA Y LUGAR EN LA PRODUCCIÓN DE LA OFICINA LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS

DESIGN PROCESS: THE RELATIONSHIP BETWEEN ARCHITECTURE AND PLACE IN THE PRODUCTION OF THE LINS ARQUITETOS ASSOCIADOS OFFICE

Alcília Afonso¹

¹ Doutora em projetos arquitetônicos. Professora adjunta do CAU UAEC CTRN UFCG;
E-mail: kakiafonso@hotmail.com

ENTREVISTADO: GEORGE LINS

ROTEIRO, ENTREVISTADORA, TEXTO, EDIÇÃO E REVISÃO DA ENTREVISTA: ALCILIA AFONSO

DATA: SETEMBRO DE 2025

ALGUNS DADOS SOBRE O ESCRITÓRIO

O escritório Lins Arquitetos Associados foi fundado em 2011 e está localizado no sertão nordestino, mais precisamente no Cariri, sul do estado do Ceará, na cidade de Juazeiro do Norte. Trabalha em todas as escalas e com diferentes programas, partindo desde a cidade, passando pelo edifício- desde edifícios institucionais a residenciais, até chegar ao mobiliário. A equipe é composta pelos arquitetos Jorge Mauro Soares Lins, arquiteto e urbanista formado pela Universidade Federal do Ceará/ UFC, em 1975; George de Menezes Lins, arquiteto e urbanista formado pela UFC em 2006; Cíntia Menezes Lins de Matos, arquiteta e urbanista formada pela UNIFOR em 2007; e por Deborah Martins de Oliveira Lins, arquiteta e urbanista formada pela UFC em 2006, mestre em Engenharia Civil pela UFC em 2013.



Jorge Mauro Soares Lins , George Lins, Cíntia Lins, Débora Martins Lins, membros do escritório Lins Arquitetos Associados.
Fonte: <https://www.linsarquitetos.com.br/>

A diretriz fundamental do escritório é o respeito ao local de intervenção, adaptando o edifício ao clima, absorvendo aspectos culturais e utilizando necessariamente materiais e mão-de-obra presentes na região, pois possuem como critério, que as soluções arquitetônicas não são reproduzíveis e dependem diretamente do local na qual elas estão inseridas. O experimentalismo é uma busca constante do escritório, sempre com o intuito de trazer inovação ao resultado, sem renunciar às técnicas construtivas já utilizadas e consolidadas.

Alguns projetos despertaram o interesse de nosso grupo de pesquisa Arquitetura e lugar, devido às soluções presentes no processo projetual, onde se pode observar a estreita relação entre arquitetura e o local na qual estas estão inseridas, destacando-se entre tantas, os projetos desenvolvidos para a Clínica Escola e Blocos de Sala de Aula – FVS/ Faculdade Vale do Salgado (Icô/ CE, 2016); a Academia Escola Unileão (Juazeiro do Norte/ CE, 2018); o Hospital Veterinário Escola / Unileão (Juazeiro do Norte / CE, 2023), entre outros.

Nessas obras observa-se a adoção de princípios de uma arquitetura bioclimática presentes na solução dos programas em planta, nas seções construtivas e na concepção volumétrica. A procura pelo conforto climático é uma constante, e o uso de elementos vazados cerâmicos, enriquecem funcionalmente e plasticamente as obras, concebendo uma arquitetura nordestina com uma identidade forte e de excelência funcional, formal e construtiva.

O arquiteto George Lins foi o entrevistado, representando o escritório nessa nossa conversa, que na sequência será apresentada.

ENTREVISTA

Entrevistei o arquiteto George Lins, um dos sócios do escritório Lins Arquitetos Associados, sediado na cidade de Juazeiro do Norte, cariri cearense, e que vem desenvolvendo um trabalho marcante no cenário nordestino e brasileiro, através de soluções projetuais e construtivas que possuem uma qualidade inquestionável ao relacionar a arquitetura com o lugar na qual ela está sendo produzida.



George Lins. Fonte: Instituto Armando de Holanda.2025

ALCILIA AFONSO: Olá George. Muito bom poder conversar com você sobre o escritório Lins Arquitetos Associados, e para iniciarmos, onde foi fundado o escritório Lins Arquitetos?

GEORGE LINS: Olá, Alcilia. Vamos lá! O escritório foi fundado em Juazeiro do Norte, por conta do meu pai, Jorge Mauro Soares Lins, e de sua trajetória profissional. Ele se formou em 1975 (mil novecentos e setenta e cinco) na UFC/ Universidade Federal do Ceará, e logo depois de formado, ele migrou de Fortaleza para Juazeiro do Norte.

Nós não tínhamos família em Juazeiro do Norte, que era uma cidade totalmente desconhecida para meu pai, mas que ofereceu na época uma oportunidade profissional para ele, levando-o para se transferir para lá, sendo o primeiro arquiteto de fato, a fundar um escritório na cidade, atuando comercialmente com arquitetura na região do Cariri cearense. Desde então, ele passou a morar lá, e até os dias atuais ainda reside na cidade que ele adotou.

ALCILIA AFONSO: E os filhos, você e Cintia, quando começaram a atuar na cidade?

GEORGE LINS: Nós moramos um tempo em Juazeiro com nossos pais, mas depois eles se separaram, e eu, juntamente com a minha irmã, Cintia, fomos estudar em Fortaleza.

Eu estudei arquitetura na UFC, onde conheci a minha esposa, Débora, que também estudava lá. Depois de graduados, em 2006, montamos nosso escritório em Fortaleza e fazíamos trabalhos juntos. Enquanto isso, Cintia estudava arquitetura na UNIFOR, graduando-se em 2007 e voltando para trabalhar em Juazeiro do Norte.

No princípio cada um tinha o seu próprio escritório: meu pai sempre teve o escritório dele, a Cintia tinha o escritório dela, e eu tinha um escritório junto com a Débora.

Na sequência começamos a fazer algumas parcerias profissionais juntos, fazendo com que essas parcerias ficassem cada vez mais frequentes, e a partir desse momento nós decidimos formar um escritório só, e aí escolhemos o nome da nossa família, Lins: sobrenome de meu pai e nosso.

ALCILIA AFONSO: Em que ano se deu essa junção dos escritórios?

GEORGE LINS: A junção se deu em 2011 (dois mil e onze), quando decidimos nos juntar, usando um nome só, e a metodologia de trabalho continuando da mesma forma, através de parcerias de trabalhos, porque nem em todo



o projeto, havia a necessidade de todos atuarem naquele determinado trabalho.

ALCILIA AFONSO: Como você ver a importância do trabalho iniciado por seu pai na região?

GEORGE LINS: Meu pai foi precursor do trabalho de arquiteto na região do Cariri, em um interior, quando naqueles anos, o corrente era ficar atuando sempre nas capitais. Ele se formou em Fortaleza, mas fez um movimento inverso. Enquanto estava todo mundo ficava nas capitais, ele foi desbravar o interior, formar um escritório, só com o seu nome.

ALCILIA AFONSO: Atualmente, observa-se a presença mais atuante de você e de sua irmã, Cintia Lins. O seu pai, o arquiteto Jorge Mauro Soares Lins ainda colabora no desenvolvimento dos projetos? E Débora, como vem a ser a participação deles no desenvolvimento de projetos?

GEORGE LINS: De fato, atualmente, o trabalho dos quatro membros vem sendo mais escasso, estando eu e Cintia tocando o escritório. Nossa pai já está com setenta e quatro anos, se aposentou, e não tem mais o mesmo volume de projetos que tinha no passado, até por escolha própria de dar uma desacelerada. Já está dando uma descansada maior.

Quanto à Débora, ela seguiu mais a carreira acadêmica, e agora está focando em outros planos, mas sempre quando há a necessidade, a turma junta-se para discutir de maneira mais esporádica, e não tão constante, como no início do processo.

Mas, todos continuam fazendo parte do escritório, porque uma hora ou outra, a gente acaba unindo todo mundo junto nisso. Mas, de fato o volume maior de trabalho que existe no escritório hoje é tocado por mim e pela minha irmã Cíntia.

ALCILIA AFONSO: Vocês se graduaram na UFC/ Universidade Federal do Ceará, e na Unifor em Fortaleza. Quais influências teóricas e práticas os sócios trouxeram para a formação do escritório?

GEORGE LINS: Nossa grande influência foi inicialmente a de nosso pai, principalmente porque, a gente ainda criança, ele sempre nos levou ao escritório, e a gente ficava na prancheta dele, observando o que ele desenhava e sempre nos dava algumas atividades de maquete, de desenho, e olhávamos as revistas de arquitetura juntos com ele. Então, foi uma influência muito grande para nós. O fato de sermos filhos de arquiteto foi uma coisa natural que guiou a nossa formação.

Se a gente for pegar influências acerca da arquitetura como um todo, nos encanta muito a arquitetura moderna brasileira que trouxe uma definição vinda de fora e, na sequência, adaptou-se à nossa situação climática, à nossa cultura, enfim, à nossa realidade.

Cito aqui Lúcio Costa, Lelé, grandes mestres, além de Severiano Porto, que propôs soluções para o clima mais quente da região Norte. Do Nordeste, principalmente, Acacio Gil Borsoi, que tem várias obras aqui pelo Ceará, e queria destacar também na minha formação, o arquiteto Neudson Braga que foi uma influência muito forte e uma pessoa crucial na minha formação acadêmica. Trouxe uma metodologia de projeto muito forte para mim, com essa questão voltada ao trato da arquitetura, sobre o que é arquitetura, sobre os valores que um profissional deve ter.

Só que logicamente, a arquitetura é formada por diversas influências. Então, a gente não pode nunca ficar sempre só no campo da arquitetura. Questões artísticas, culturais, toda cultura nordestina, o local onde a gente vive, e que a gente se identifica: a música, a arte, a literatura, o cinema, tudo isso está muito associado, muito entrelaçado, e aí, eu destaco essa cultura nordestina muito influente na nossa obra, no que a gente quer passar e onde a gente se inspira.

A gente produz arquitetura para cá basicamente, para nossa região nordestina, então, é muito forte e importante para a gente, essas referências que a gente tem, atrelada aos saberes da construção em si, e das técnicas.



ALCILIA AFONSO: Tenho observado que vocês sempre referenciam em suas falas e em textos, o livro "Roteiro para Construir no Nordeste: Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados". Qual a influência do arquiteto Armando de Holanda no trabalho do escritório?



Capa do livro "Roteiro para construir no Nordeste. Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados". Fonte: Reconstrução virtual de I. Pereira. 2023

GEORGE LINS: De fato, estamos alinhados demais a Armando de Holanda e ao livro "Roteiro para construir no Nordeste" que é uma referência muito forte dentro do nosso trabalho. Uma referência teórica fundamental, porque a gente acredita em basicamente tudo que ele escreveu nos nove princípios presentes no Roteiro, e a gente tenta seguir, logicamente, com as adaptações para cada intervenção específica.

Mas o fato de você ter essa referência, de você ter algo em que se balizar, é fundamental para o tipo de arquitetura que a gente faz, e que a gente acredita, e Armando sintetizou muito bem a questão de se produzir uma arquitetura onde seja assimilada pelas pessoas, e esteja integrada com o ambiente na qual será construída, no nosso caso, no Nordeste brasileiro.

ALCILIA AFONSO: Quais são os critérios ou valores projetuais predominantes na concepção projetual do escritório?

GEORGE LINS: A gente acredita muito que todo mundo precisa de arquitetura. Nos incomoda muito o fato da arquitetura ser usada basicamente por cinco a dez por cento da população: isso é uma coisa que nos entristece! Porque a gente sabe das qualidades e a necessidade da arquitetura para as relações humanas, como abrigo das pessoas.



Detalhe do Núcleo de Prática Jurídica / Unileão .2016. Juazeiro do Norte – CE. Fonte: Foto de Joana França. <https://www.linsarquitetos.com.br/>

Onde os trabalhadores são daquela região, onde eles podem construir aquilo. Não é que a gente seja alheio à tecnologia, ou algo desse tipo, mas, é olhar mais para onde a gente está.

Então, não nos interessam soluções que não conseguem chegar aonde a gente atua. Soluções com alta tecnologia associada, não chega até a gente, então para nós não faz muito sentido.

O que faz sentido é o que a gente olha ao redor no nosso entorno, mas, logicamente, isso não é um limitador à inovação.

Os valores principais quando nós tratamos sobre a arquitetura é sempre em prol de popularizar o acesso dessa arquitetura para as pessoas de uma forma em geral, e é muito claro dentro da nossa visão, das nossas propostas, a utilização de materiais locais.

Com os mesmos materiais que a gente tem, com as mesmas técnicas seculares, a gente consegue inovar dentro das propostas, trazendo soluções mais contemporâneas. Mas, sempre com o pé na tradição, no que a gente tem, nos elementos nossos.

Geralmente, são esses valores que a gente utiliza, de materiais que não são caros. Exatamente para ser acessível, a união desse tipo de material com a mão de obra local, a gente consegue produzir com um custo de metro quadrado mais baixo, mas não, necessariamente mais pobre.

O custo final mais baixo não quer dizer que ele seja com menor valor do que outros que utilizam materiais caros, pelo contrário, eles se tornam até mais ricos, uma vez em que a utilizar esse material e essa mão de obra, com soluções criativas e inovadoras, a gente consegue ter espaços muito mais pensados e muito mais assimilados pela população que os utiliza.

Para a gente é muito importante que as pessoas que vão utilizar o prédio, as pessoas daquele local se identifiquem com aquele edifício projetado por nós.

Então, talvez esses sejam os valores e os critérios fundamentais, e obviamente, atender ao programa de necessidade, de maneira mais funcional possível, mas sem perder essa percepção, essa volumetria e essa identidade que está presente nos nossos projetos.

ALCILIA AFONSO: Outro ponto observado em algumas obras, é a materialidade construtiva, na qual a cerâmica, usada em tijolos, cobogós, se destacam no processo criativo, através da criação de “peles” que funcionam como camadas protetoras climáticas, e ao mesmo tempo, criam uma riqueza plástica na volumetria das obras.

GEORGE LINS: O uso de elementos vazados, seja ele o cobogó cerâmico, de concreto, ou ainda, o próprio tijolo maciço fazendo às vezes ali de um elemento vazado. Eles são muito próprios do que a gente procura fazer no sertão.

O fato de nós termos uma segunda pele é essencial para que se consiga barrar esse sol antes dele atingir a superfície envidraçada que está dentro dele. Nós não temos nenhum preconceito com o vidro, pelo contrário, todos os nossos prédios são envidraçados, mas logicamente, ele possui uma pele protetora, protegendo-o para que o sol não incida diretamente no vidro, sendo filtrado.

O material cerâmico é muito presente no Cariri, no Ceará, e eu acredito que no Nordeste, como um todo, a gente tem uma série de olarias que conseguem nos atender, sejam com cobogós cerâmicos, sejam com tijolo cerâmico. Outro material que utilizamos são os pré-fabricados em concreto, como fizemos na obra da FVS /Faculdade Vale do Salgado, em Icó, e no núcleo de práticas jurídicas da Unileão em Juazeiro do Norte.

Não vale a pena para a gente trazer brises metálicos associados a uma grande ou alta tecnologia, vindos de fora, porque acabam gerando custos altos para a obra, exigindo mão de obra especializada.



Núcleo de Prática Jurídica / Unileão .2016. Juazeiro do Norte – CE. Fonte: Foto de Joana França. <https://www.linsarquitetos.com.br/>



Processo projetual da criação de peles protetoras climáticas
Utilizando tijolos maciços. Academia Escola Unileão. 2018.
Juazeiro do Norte – CE. Fonte: Foto de Joana França.
<https://www.linsarquitetos.com.br>



ALCILIA AFONSO: Observa-se que muitas das obras produzidas pelo escritório adotam critérios projetuais e construtivos bioclimáticos que estão presentes em soluções em plantas e em volumetrias. Como tal aspecto tem tido protagonismo nessas propostas projetuais?

GEORGE LINS: Isso sempre foi muito natural para a gente. Desde a nossa formação nos incomodava muito a questão de prédios importados trazidos de fora: prédios espelhados em vidro, não só no litoral, mas também no sertão.

Isso sempre nos incomodou! Quando a gente começa a estudar Lelé, e outros mestres, a gente vê que isso não é o correto.

O fato é que foi uma maneira muito natural de responder a essas questões, de se impacientar um pouco com as soluções adotadas vindas de fora, e procurar propor algo mais adaptado ao nosso clima.



Estudos de circulação do ar. Clínica escola e blocos de sala de aula – FVS/ Faculdade Vale do Salgado (Icó, CE, 2016). Fonte: <https://www.linsarquitetos.com.br>

Tudo que fazemos aqui no Nordeste, a gente tenta buscar a sombra, aproveitar a nossa luz natural, que é abundante, intensa, e que não devemos barrá-la, mas pelo contrário, a gente deve só diminuir a carga térmica, filtrá-la.

Todas essas questões voltadas à arquitetura bioclimática são soluções próprias nossas, em que sempre procuramos fazer com que o edifício possua soluções eficientes, que não necessitem consumir uma grande quantidade de energia para funcionar.

Realizando o aproveitamento da luz abundante que temos, além da questão de fazer com que

os aparelhos de ar-condicionado trabalhem de maneira mais eficientes.

ALCILIA AFONSO: As soluções que vocês criaram em alguns projetos para a filtração da luminosidade, além de eficientes climaticamente, criam efeitos de luz e sombra que enriquecem plasticamente os espaços.

GEORGE LINS: Todas essas questões de filtrar a luz do sol, de criar sombra, seja ela artificial, seja ela natural, são critérios muito naturais para a gente e são tratadas desde o início de cada projeto. Os requisitos de adaptação climática estão sempre presentes e tratados de acordo com o clima de cada local.



Núcleo de práticas jurídicas. Unileão. Fonte: Foto de Joana França. <https://www.linsarquitetos.com.br>

A solução bioclimática é algo que faz parte desde a nossa formação, gerando plantas, volumetrias, fachadas, próprias desse tipo de abordagem.

Para nós, enriquece os projetos, pois é algo que que as pessoas que veem de fora, conseguem

associar claramente ao clima em que aquela arquitetura está inserida.

ALCILIA AFONSO: Qual das obras, o escritório acredita ser considerada uma boa referência para uma arquitetura produzida em regiões de climas quentes no país?

GEORGE LINS: Eu não gostaria de citar especificamente uma, porque todas nossas obras podem ser uma boa referência para projetos em lugares quentes: tanto quente seco, quanto quente úmido.

Elas conseguem filtrar a luz solar e proporcionar sombra, mas para referenciar uma especificamente, citaria o projeto do Hospital Veterinário Escola / Unileão (Juazeiro do Norte – CE, 2023).

Ele tem uma enorme coberta, e na verdade, o partido dele é criar uma grande sombra: aquilo que Armando Holanda escreveu no seu livro, Roteiro para construir no Nordeste.



Hospital Veterinário Escola / Unileão (Juazeiro do Norte – CE, 2023). Foto: Joana França. <https://www.linsarquitetos.com.br>

Para se produzir aqui no Nordeste, ou em regiões de climas quentes, o primeiro fator, é a necessidade básica de se criar uma sombra.

Foi o que fizemos no Hospital Veterinário, criamos uma grande sombra, e as atividades se desenvolvem abaixo dela. Isso é de fundamental importância para se projetar em qualquer clima quente, que exista ao longo do globo terrestre.

O fato de você criar uma sombra, resolve basicamente ali, 90% dos problemas voltados ao conforto das pessoas, logicamente, permitindo a filtragem da luz solar, permitindo com que os ventos cruzem o edifício e traga um conforto maior através da ventilação cruzada, além de permear esse edifício com jardins. O partido do projeto foi a concepção de uma grande coberta solta da edificação, proporcionando muita sombra para as atividades que acontecem logo abaixo sendo, portanto, a principal estratégia de conforto térmico utilizada.



Hospital Veterinário Escola / Unileão (Juazeiro do Norte – CE, 2023). Fotos: Joana França. <https://www.linsarquitetos.com.br>

Uma grande proteção solar, de sete metros de altura, feita com tijolos cerâmicos maciços desencontrados, filtra a luz do sol intensa na região e protege o interior do edifício. Seu formato ondulado, traz mais estabilidade para o elemento, além de dialogar com as curvas da coberta. Além de proteção solar na fachada poente, serve também de separação entre o setor público e privado do equipamento.



Hospital Veterinário Escola / Unileão (Juazeiro do Norte – CE, 2023). Fotos: Joana França. <https://www.linsarquitetos.com.br>

Com áreas com locais mais úmidos para criar o microclima através da evaporação, proporcionando um conforto maior aos usuários. Eu acredito que o Hospital Veterinário seja um bom exemplo, porque ele consegue associar todas essas questões de estratégias passivas, proporcionando o encontro das pessoas e o acontecimento das atividades embaixo de uma grande sombra: talvez isso sintetize tudo.



Hospital Veterinário Escola / Unileão (Juazeiro do Norte – CE, 2023). Fotos: Joana França. <https://www.linsarquitetos.com.br>

ALCILIA AFONSO: Que caminhos você aponta para os estudantes de arquitetura e jovens profissionais que atuam em diversas regiões brasileiras, enfrentando os condicionantes locais?

Caminhos que apontem para soluções projetuais e construtivas próprias do lugar, que projetem edifícios adaptados ao clima, absorvendo a cultura do local, utilizando mão de obra e materiais regionais, observando-se o bioma daquele lugar. Esses direcionamentos são muito claros e óbvios para nós, mas, infelizmente, quando a gente observa ao redor, ver ainda muitas importações, reproduções de modelos, que não são nossos, que são próprios de outro clima, outra cultura, utilizando outros materiais e para mim, isso não faz muito sentido. Devemos sonhar com o entendimento de arquitetura pertencente ao lugar, pois é isso que deve guiar os nossos estudantes de arquitetura e os nossos futuros arquitetos e arquitetas. Talvez essa seja a solução a ser seguida: é o caminho que a gente acredita. E eu espero muito que no futuro a gente tenha cada vez mais soluções próprias do local onde a arquitetura está inserida.

ALCILIA AFONSO: Agradeço a nossa conversa George, e que o escritório Lins Arquitetos Associados continue cada vez mais produzindo e mostrando como se projetar e construir com critérios de conforto, e dialogando sempre com os condicionantes locais.

GEORGE LINS: Obrigado pelo convite novamente. Uma honra para mim poder contribuir com suas pesquisas.

PARA SABER MAIS SOBRE A ARQUITETURA NORDESTINA

AFONSO, Alcilia. *Modernidade arquitetônica tropical: patrimônio arquitetônico recifense e sua influência no Nordeste*. Recife: Editora Alcilia Afonso/ Cepe. Funcultura. 2022.

AFONSO, Alcilia. *Arquiteturas do sol. Resgate da modernidade no nordeste brasileiro*. Teresina: EDUFPI. 2020.

HOLANDA, Armando. *Roteiro para construir no Nordeste*. Arquitetura como lugar ameno nos trópicos ensolarados Recife, MDU/UFPE. 1976.

